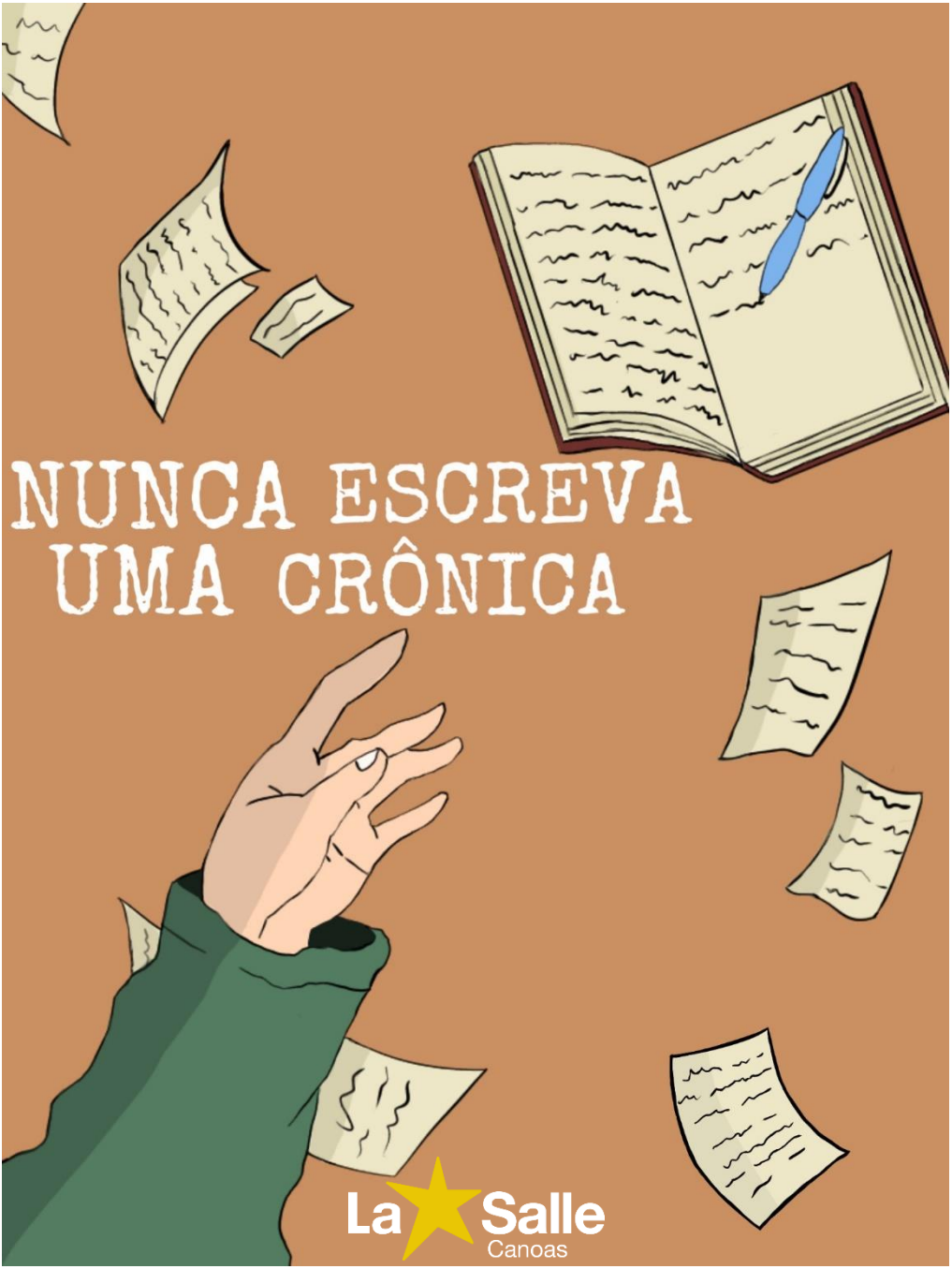
NUNCA ESCREVA
UMA CRÔNICA
La Salle
Canoas

NUNCA ESCREVA UMA CRÔNICA

Coletânea de Crônicas 18C/2021

La Salle
Canoas

FICHA TÉCNICA

Textos

Alunos da turma 18C

Capa

Joana da Rosa Mascarenhas

Assessoria Artística

Braulio Pedroso Fonseca

Revisão e Diagramação

Adriano Rial

Auxiliar Pedagógica

Yasmin Soares Garcia

Bibliotecária

Simone Kniphoff dos Santos

Comunicação e marketing

Andressa Bastos Silveira

NUNCA ESCREVA UMA CRÔNICA

©2021 Escritores da turma 18C – La Salle Canoas

Equipe Diretiva

Diretor: Áureo Kerbes

Vice-Diretor: Irmão José Egon Kunrath

Supervisor Administrativo: Carlo Morbach

Supervisora Educativa: Keila Gaspar Martins

Coordenadora Pedagógica: Carla Conceição Souza Nunes

Orientadora Educacional: Cheila dos Santos de O. Martins

Equipe Docente

Adriano Rial – Redação

Airton José Müller – Filosofia

André Medeiros Farias – Educação Física

Braulio Pedroso Fonseca – Arte

Eduarda Betina Ellwanger Severo – Língua Inglesa

Jerônimo de Oliveira Loureiro – Ciências

Ricardo Figueiró Cruz – História

Roberto Ademir Konzen – Ensino Religioso

Samuel Bastos Bracagioli– Geografia

Suziene Ferreira de Oliveira – Matemática

Valéria Cardoso de Souza – Língua Portuguesa

"*A escrita é o desafogo da alma em palavras.*"

Karin Raphaella Silveira

DEDICATÓRIA

Este foi um projeto bastante complexo de ser realizado, sem a ajuda de diversas pessoas não conseguiríamos. Entre essas pessoas está principalmente nosso professor de redação, que desde o início se esforçou para mostrar que seríamos capaz de lidar com a escrita de outra forma. É evidente que a coordenação da escola foi de imensa consideração, pois sem eles o projeto não teria chegado onde chegou. As crônicas dessa coletânea foram feitas de diversas maneiras, com cargas afetivas bastante diferentes, mas no fim, temos de dedicá-las a todos que se importaram e enxergaram nossa capacidade.

PREFÁCIO

Como uma lente fotográfica que ajusta o foco para captar os detalhes que embelezam as imagens, os textos aqui apresentados são a descrição de um olhar mais delicado de situações e elementos conhecidos nossos, mas que foram enriquecidos por novos sentidos.

Nossos jovens autores, ainda vivenciando o aprendizado na escrita, mostraram talento em suas palavras, deixando nítido o seu esforço em encantar seus leitores.

Nesta jornada literária o apego afetivo é bem presente na construção de cada frase trazendo a quem as lê, um pouco de cada um dos autores, de suas vivências, perspectivas e sensações.

Alguns textos traduzem sentimentos em cores e aromas, outros dão vida aos objetos presentes no cotidiano, e ainda, podemos nos deliciar com momentos contados de forma quase poética.

Com o coração repleto de alegria, agradeço pela confiança de compartilharem comigo esta experiência.

Parabéns pelo lindo trabalho!

Suziene de Oliveira

Jovens Escritores Lassalistas

1ª Edição

Ao observarmos o que acontece no mundo nos dias de hoje, especialmente no campo do trabalho, veremos que a comunicação é competência fundamental para que se tenha êxito em determinas áreas. Para onde quer que se olhe, há alguma forma de interação entre as pessoas. Hoje se utilizam largamente as redes sociais, o *WhatsApp, o Messenger, o telegram, hangouts, e-mails* e todo tipo de comunicação oral. Muitos adolescentes, jovens e adultos transformaram a comunicação em grande negócio. Parece impossível hoje "existir" sem que haja comunicação, e quanto mais competente é a comunicação, mais dividendos tem trazido para as pessoas no campo do trabalho. Ou seja, comunicar-se bem transformou-se em negócio que movimenta milhões. Mas é importante chamar a atenção para o fato de que uma boa comunicação, oral ou escrita, na maioria das vezes, começa nos bancos escolares.

Com a pandemia interrompendo bruscamente os relacionamentos pessoais e presenciais, nossos alunos e professores foram transferidos para uma outra realidade em relação ao ensino e a aprendizagem. Por muito tempo os relacionamentos pessoais sofreram transformações, e a comunicação interpessoal deixou de existir da forma como a conhecíamos. Muitos professores e alunos comunicaram-se sem sequer terem a visualização dos seus interlocutores.

Durante o ano de 2021 o Colégio La Salle Canoas trabalhou com dois modelos de organização pedagógica, o presencial e o *online*. Aos poucos, no entanto, a interação está voltando aos padrões de antes. O refletir e o pensar sobre o que passamos durante os dois últimos anos é importante para aprendermos.

Neste sentido, os alunos dos oitavos anos foram desafiados pelo professor Adriano e seus colegas a se comunicarem em forma de crônicas, trazendo reflexões sobre a realidade vivida, especialmente durante a pandemia e outros aspectos da sua vida sobre os quais quisessem escrever. Esta iniciativa fez nascer o projeto Jovens Escritores Lassalistas. O que lerão nesta coletânea é o fruto das reflexões dos nossos queridos alunos e alunas.

Para que o projeto tivesse êxito, foi preciso fazer valer um diferencial importante do Colégio La Salle Canoas, que é o de trabalhar com a produção textual como momento específico para esta finalidade, disponibilizando carga horária exclusiva para tal fim. Como já expressamos, é diferencial para quem vai fazer ENEM, para quem vai se comunicar em seu ambiente de trabalho e para quem quiser obter bom êxito em suas atividades profissionais. Escrever já é bom início, mas saber escrever bem é um diferencial importante, e foi isso que nossos alunos aprenderam durante o ano de 2021 e, por que não, nos anos anteriores. O que vemos aqui é o fruto desse trabalho.

Mas, é fato também que o bom exemplo é importante. Durante o ano de 2021 cinco professores do Colégio

La Salle Canoas lançaram obras literárias e de produção cientifica. Os alunos foram desafiados a fazerem o mesmo, certamente refletiram muito e expressaram magnanimamente o que sentiram e vivenciaram durante a pandemia. Como escola não queremos que os alunos apenas se comuniquem, mas queremos que esta comunicação seja assertiva e de qualidade, e é o que observarão nas páginas que seguem.

Parabéns aos alunos e parabéns aos professores!

A todos desejo uma ótima leitura!

Áureo Kerbes

Diretor

APRESENTAÇÃO

O projeto Jovens Escritores Lassalistas, nasceu da vivência e do significado que a escrita pode ter e dar as nossas vidas.

Uma vez apresentado para a turma, houve a aceitação espontânea e assim, sentimentos, percepções e ideias, foram aos poucos tomando forma, fazendo brotar histórias cotidianas, as quais chamamos crônica.

Textos escritos, foi hora de dar um título à primeira edição. Debates, alternativas, votações, enfim, tínhamos um nome escolhido pela maioria.

Foi a vez de escolhermos um convidado para escrever o prefácio; muitas boas opções até que um nome surgiu.

Da própria turma vieram os capistas, que entregaram sua arte para dar vida e colorido a tantas escritas. Momento rico, de troca com o professor de Arte.

Ainda coletivamente, a turma decidiu a ordem de apresentação dos textos, selecionou uma epígrafe e escreveu uma dedicatória para finalizar o trabalho.

Muitas mãos ampararam este projeto: Direção, Supervisão e Professores foram padrinhos amáveis nessa incrível viagem literária.

Quanto a mim, fica a gratidão por conviver com alunos tão generosos e sensíveis, pela entrega e pela convivência, que ficam registradas nas páginas de uma primeira edição, na qual buscamos preservar a identidade de cada autor e autora, para que no futuro cada um possa reviver essas memórias afetivas de um tempo em que o mundo se apresentava assim aos seus olhos, e que certamente servirá de inspiração aos escritores que virão.

Foi uma honra poder participar dessa história tão linda chamada:

NUNCA ESCREVA UMA CRÔNICA

Adriano Rial

Professor de Redação e maior fã!

ESCRITORES DA TURMA 18C

Daniel Kittler Reffatti

Davi Moreira Barbosa

Diego Bender

Fernanda Marchioni Belloli

Filipi Rychescki Jacobs

Isadora Camar Büsse

Isadora de Menezes Nogueira

Joana da Rosa Mascarenhas

Júlia Nunes de Oliveira

Lucas Berleze Krieger

Luís Henrique Dall'Agnol Schaefer

Manuela Buffé Cecchini

Manuela Grala Leal

Marcelo Ziulkoski Maggiani

Maria Eduarda Baldin Bruxel

Maria Fernanda Vaz de Moraes Faccin

Thales Jara Wendelstein

Vicenzo Lisboa Conter

Vitória Siqueira Fogliato

Sumário

A BOLA DE FUTEBOL 15
A PAIXÃO DA BAILARINA 16
A PERDA DE UMA PESSOA ESPECIAL 18
A PORTA 19
A SAÍDA 20
A VIDA MORANDO “SOZINHA” 21
AS DECISÕES DA SETA 23
CABEÇA SONOLENTA 24
CHEIRO DAS ESTAÇÕES 26
ESSAS AULAS NÃO SÃO COMO AS OUTRAS 27
MINHA CEREJEIRA 28
MINHA CRÔNICA: JOGO DE FUTEBOL 30
NUNCA ESCREVA UMA CRÔNICA 31
O COELHO 32
O ELEVADOR 33
O PARAQUEDISTA 35
11 de Setembro 36
Prof. Suzi 37
R$20,00 38

A BOLA DE FUTEBOL

A primeira vez que o meu dono me pôs no chão e me deu um pontapé, supus que eu havia cometido uma falta grave e que ele estava zangado comigo. Que bruto - pensei - isso é modo de ensinar? Mas eu estava zangada.

Obrigava-me a correr, pois vinham atrás de mim para me alcançar.

Certos dias, levava-me para o campo. Muitos meninos me esperavam ali, ansiosos para jogar comigo, correndo pela grama.

Brincavam de me fazer entrar numa rede, como se fosse um peixe, quando eu entro, eles gritam: "gool", e me pegam e me acariciam.

Aconteceu-me, certa vez, uma desgraça. Um amigo do meu dono pôs-me no meio do quintal e deu-me um pontapé. Por mais que eu fizesse, não pude evitar…

Quebrei o vidro da janela, entrei na cozinha e caí na frigideira com azeite fervendo.

A cozinheira gritou assustada, depois ficou furiosa, mas salvou-me da morte certa.

Apesar de não ter sido a minha culpa, passei muitos dias e muitas noites de castigo, num canto escuro, com baratas e camundongos por únicos companheiros.

Thales Jara Wendelstein

A PAIXÃO DA BAILARINA

Estava prestes a me apresentar no Teatro Bolshoi, faltavam apenas alguns minutos para começar. Estava muito nervosa, nunca tinha me apresentado para tantas pessoas e também estava com medo de que eu não me saísse bem.

Desde quando comecei a fazer balé, sabia que aquele era o meu lugar, mas não conseguia sentir a música, por mais que eu tivesse movimentos precisos, precisava demonstrar algo na dança, amor, raiva, tristeza, o que a música me fizesse sentir.

Começando a apresentação, por estar nervosa, quase errei um dos passos. Depois que aquilo aconteceu, eu apenas fechei meus olhos e me entreguei à dança, prestei atenção somente na melodia, me senti como se estivesse flutuando sobre o palco, meu coração em paz estava, meus braços eram como asas e podia sentir o meu sangue ferver sobre meu corpo.

Naquele momento senti minha paixão diante ao palco, ao abrir meus olhos pude ver os olhares do público, estavam vidrados, eram olhares que me transmitiam diversas emoções.

Senti que a dança era a alma que sustentava a minha vida, era o meu sonho, minha paixão e o que eu mais amava.

Terminei a apresentação em lágrimas de alegria, era o público a bater palmas e rosas a cair sobre o palco.

Queria dançar todos dias e viver tudo isso novamente.

Isadora Camar Büsse

A PERDA DE UMA PESSOA ESPECIAL

Podemos perder várias pessoas importantes na nossa vida, como avó, avô, mãe, pai, tias, tios e outras pessoas especiais.

Quando perdemos alguém, sentimos um vazio enorme, um aperto no coração, mas quando perdemos uma pessoa importante, devemos lembrar apenas dos momentos bons.

No começo é muito difícil a perda de alguém em nossa vida, mas depois nos acostumamos e voltamos com nossa vida normalmente. Aquela pessoa sempre ficará em nosso coração.

Quando penso em perder alguém especial, vem um sentimento de tristeza, mas depois penso que a pessoa está descansando em um lugar melhor.

Maria Eduarda Baldin Bruxel

A PORTA

Oi, meu nome é porta, eu tenho um formato retangular que ao ser aberta permito a passagem de outras pessoas. Não abro para pessoas intrusas como bandidos e pessoas desconhecidas, também detesto quando as pessoas me empurram com força, pois saiba que isso dói, é algo tão simples basta girar a maçaneta, minha mão. Mas pode ser que alguém me tranque com uma espécie de metalzinho que me prende na parede, eles costumam chamar isso de chave. Desta maneira as pessoas não passam nem girando minha mão.

As portas podem variar bastante em relação ao nosso design, umas menores outras maiores, com vidro, coloridas com adesivos e placas. Meu sonho é ser grande e forte como a porta de um castelo, de forma que o intruso não tenha chances de parar por mim.

Uns dos meus maiores medos é quando as pessoas perdem a chave, aí é complicado, automaticamente eles chamam umas pessoas com um pedaço de ferro conhecido como pé de cabra, e colocavam entre eu e a parede e empurram de forma que eu descole da parede estragando a minha fechadura, tudo culpa do atrapalhado que perdeu a chave.

O meu dia a dia é sempre o mesmo, toda hora sendo aberta e fechada, más é cada um que passa, um gigante que para passar por mim precisa ficar agachado, é uma criança que mal alcança a minha maçaneta, uma galera que vai e volta correndo sem ao menos pensar que ali estava eu, uma porta.

Lucas Berleze Krieger

A SAÍDA

6 horas da manhã, me acordei. O dia era que nem os outros, escuro e frio, e cansativo. Era terça-feira, abril, tinha aula e estava meio resfriado, mas me retirei da cama e arrumei ela apressadamente. Liguei a estufa que localizava-se embaixo de minha mesa, e com um certo esforço, abri meu velho armário, tirei o uniforme e algumas roupas extras, pois estava abaixo de 10 graus naquela manhã.

7 horas já estava arrumado, só precisava esperar meu pai acordar, e quando ele saiu de seu grande quarto, já havia se passado 15 minutos. Me preparou uma caneca de café quente, junto com duas panquecas surpreendentemente sem gosto algum.

Depois de comer, fui ao banheiro para últimas preparações, após, enchi a minha garrafa levemente rachada até quase transbordar, peguei uma máscara, coloquei meu lanche na mochila, e então destranquei a porta para fora e entrei no elevador junto a meu pai, parecendo-se cansado.

Após alguns segundos, estávamos na garagem, e entramos no escuro carro que ele tinha desde meu nascimento.

Surpreendemo-nos quando o carro estava sem gasolina, nós teríamos que ir a um posto para abastecer o carro. Após alguns momentos, finalmente cheguei ao colégio. "7:45, terça" estava escrito na tela brilhante do celular.

No final, tive que pegar um bilhete para entrar.

Vicenzo Lisboa Conter

A VIDA MORANDO “SOZINHA”

Algumas semanas atrás eu me mudei, estou morando sozinha. Fora todas as responsabilidades, problemas, e contas, está sendo incrível, a sensação de ser livre e fazer o que quiser é maravilhosa. Poder ouvir minhas músicas favoritas, comer o que quiser e gostar, ter um tempo para mim, ficar com minha própria companhia, tudo isso é muito bom. Está sendo muito divertido, fora o silêncio.

Tenho apenas duas vizinhas, uma delas se chama Rose, ela tem um filho de 4 anos, porém, infelizmente é viúva. A outra, que se chama Yasmin, moram apenas ela e o marido na casa. Gosto bastante delas, são bem educadas e gentis.

Hoje aconteceu algo bem estranho, a Rose bateu aqui na porta de casa e perguntou se meu marido ou namorado estava, eu estranhei, até porque sou solteira, avisei a ela que morava sozinha e ela disse que muitas vezes via um homem aqui em casa, e que ele tinha até brincado com o filho dela, por isso que ela havia batido, pois seu filho queria brincar. Eu disse que não namorava ninguém, ela jurava que tinha falado com o homem, mas eu nem sabia de quem Rose estava falando.

Eu fiquei com isso na cabeça por um bom tempo, e então, mais tarde, fui na casa de Yasmin e aproveitei pra perguntar se ela e o marido dela já tinham visto um homem na minha casa. A resposta realmente me surpreendeu, os

dois, ao mesmo tempo, responderam que sim, e que até achavam que namorávamos.

Foi aí que eu percebi que talvez, eu não more sozinha...

Manuela Buffé Cecchini

AS DECISÕES DA SETA

Como seria se setas falassem?

"Siga naquela direção" é o que diriam.

Qual o sentido disso?

Se a pessoa anda em um corredor ela sabe a direção onde vai…

Geralmente.

E caso estiver perdida?

De fato é uma ajuda.

Ultimamente ando perdido em pensamentos, pensamentos ruins e pressão psicológica sobre uma decisão que preciso tomar: "Prosseguir ou encerrar?"

Em muitos momentos da nossa vida nos deparamos com este questionamento; seja em um corredor, em uma situação perigosa, em ciclos de relacionamento, escritas de texto… ou até mesmo na decisão da vida. "Continuar ou desistir?". Outra que sempre está presente em meus pensamentos…

Hoje estava em um corredor e analisei uma seta no chão. "Continue em frente, prossiga e não desista." é como se a seta falasse em meus ouvidos me ajudando a tomar a decisão mais importante e perigosa desde meu nascimento.

Vitória Siqueira Fogliato

CABEÇA SONOLENTA

Descobri recentemente que talvez o rumo da minha vida não precisasse ser definido por aquela prova. Ao meu redor só escutava que falhar era inadmissível, o que seria de uma jovem sem uma nota boa no vestibular?

Faltando dois dias para a fatídica prova, comecei a estudar freneticamente sem parar para nada... Não me considero ruim em grande parte dos conteúdos, entretanto minhas pernas tremiam só de pensar na infeliz redação.

Chegando perto da universidade comecei a notar que minha cabeça estava pesada, mal conseguia abrir os olhos de tanto sono que sentia (aparentemente, estudar tudo aquilo teria sido inútil caso eu não conseguisse acordar).

Tenho que admitir, perdida era a palavra que me definia naquele dia. Meu pai me mandava mensagens desesperadas para que eu entrasse logo na sala, mas eu só conseguia pensar na sede que estava. Fui até um bebedouro e tentei me recompor.

Bem, a preocupação dele era de certa forma compreensível, levando em consideração que entrei na sala faltando 2 minutos. O que importa é que consegui chegar a tempo de fazer tudo.

Alguém um dia me avisou que ler o tema da redação em primeira instância era essencial para já assimilar o conteúdo, porém, por conta daquele sono incontrolável, quanto mais eu lia, mais parecia que a dissertação era sobre a influência dos pôneis e cachorros em competições de macramê para o governo.

Naquela situação eu tinha apenas uma escolha, dormir! E foi o que eu fiz, sem nem mesmo perceber ou ter intenção. Quando menos notei o aplicador da prova dá algumas batidinhas em minha mesa anunciando que 1h30 da prova já tinham se passado e perguntando se eu não queria um café. Sem pensar duas vezes disse que aceitava.

Nisso, um fiscal me levou até uma espécie de sala de professores, ou algo do tipo, onde um café perfeito me aguardava. Tomei aquilo com tanta vontade, que até um abraço dei no fiscal. Aquele homem, inclusive, me permitiu ir ao banheiro para lavar o rosto.

Recomposta, volto a minha mesa e leio novamente o tema da redação e percebo o quão bocó fui de não entender aquilo, algo tão simples. O sono tinha corrompido meus neurônios, era a única explicação!

Fazendo o resto das questões percebi que meses de estudo poderiam ter sido jogados fora por uma noite mal dormida. No fim, minha nota foi suficiente (e até bem boa...) para entrar no curso que tanto desejava, filosofia.

Isadora de Menezes Nogueira

CHEIRO DAS ESTAÇÕES

Hoje o dia foi quente, isso me despertou memórias… Posso estar sendo louca, mas para mim o verão tem um cheiro, igual ao inverno e à chuva.

O verão soa como o barulho das cigarras e da maré do mar, cheira à grama molhada e maresia… Isso traz tantas nostalgias, uma memória boa que jamais iria esquecer… Esse era o cheiro que eu sentia sempre que acabava de almoçar e contava os segundos para ir em direção à praia.

Já no inverno sinto o cheiro de lenha, mas não consigo achar alguma memória boa de algum inverno, pois eu simplesmente odeio essa estação, os dias costumam ser nublados e congelantes, sem cor… Isso me esgota e parece que me deixa cansada.

Com as chuvas não costuma ser diferente, mas sempre me traz a memória da minha família em um domingo chuvoso e frio, meu pai e meus tios em frente do fogão a lenha com o cobertor nas pernas jogando cartas enquanto o restante das pessoas prestam atenção na novela que está passando na TV de tubo com imagem falhada, sem esquecer daquele cheirinho de café que está sendo preparado...

Com todas essas memórias que apenas o vento quente me trouxe, a única que eu sinto vontade de reviver é a do verão, são lembranças inesquecíveis que só acontecem nesta estação do ano, não é à toa que é a minha preferida.

Júlia Nunes de Oliveira

ESSAS AULAS NÃO SÃO COMO AS OUTRAS

Um dia eu estava em uma aula normal, igual as outras vivendo um dia normal, foi quando chegou o recreio e uns amigos meus começaram a jogar pife, foi aí que tudo começou a sair do normal. Outro colegas meus botaram pagode para tocar e começaram a dançar e depois de tudo isso terminou o recreio.

Porém, no outro dia durante a aula de matemática e redação eles começaram a jogar xadrez porém o jogo se estendeu muito e durou mais de 3 períodos e assim eles ficaram até o final da aula, mas isso não para por aí, muitas outras aulas coisas parecidas como isso aconteceram, ficamos jogando borracha um para o outro, papel e zoando juntos de muitos outros jeitos, na minha opinião as aulas que a gente não tem essa oportunidade não são tão legais; com tudo isso que acontece e muitas outras coisas, me dá vontade de vir para a aula.

Davi Moreira Barbosa

MINHA CEREJEIRA

Quando eu era pequena, eu morava no campo perto de uma floresta de árvores de cerejeira, todo dia depois da aula eu tomava banho e ia brincar na floresta, não tinha nenhum amigo e meus pais eram separados, eu morava com minha mãe, sempre que ela arranjava um tempo para ela ia brincar comigo.

Um certo dia eu não quis ir para casa e fui diretamente para a floresta, pois era o único momento que minha mãe podia brincar comigo.

Chegando lá, comemos sentadas embaixo da árvore mais linda de todas em seu redor, ela tinha várias cerejas bem vermelhinhas, suas flores estavam tão lindas que a luz do sol refletia nelas e iluminava toda a floresta, seus galhos eram perfeitamente delicados, seu tronco era grande e fino, os pássaros que moravam nela pareciam seres mágicos, e ela fez com que eu e minha mãe quiséssemos fazer daquela árvore, a nossa árvore. Demos um nome para ela, era Chihiro, e depois pegamos um estilete e escrevemos nela "esta árvore pertence a nossa pequena família", pois eu e minha mãe sentimos uma grande conexão com Chihiro.

O dia se passou e fomos para casa dormir, no dia seguinte fui para a escola e quando fui para a floresta, não tinha mais floresta havia apenas grandes chamas de fogo, eu não sabia o que estava acontecendo, eu apenas gritei e imediatamente minha mãe sai de casa desesperada correndo até mim, no mesmo instante eu pego em sua mão e

corro para o meio das chamas, enquanto procuro Chihiro desesperadamente.

Minha mãe não aguentou os grandes ferimentos que o fogo fez em seu corpo até que ela cai no chão desacordada.

Eu a carreguei até Chihiro, mas estava difícil de respirar, andei mais rápido e consegui chegar; nesse mesmo instante acabamos morrendo, mas felizes por ter visto Chihiro pela última vez.

Joana da Rosa Mascarenhas

MINHA CRÔNICA: JOGO DE FUTEBOL

Certo dia estava eu em casa esperando a convocação para o meu jogo de futebol, até que recebi uma notificação no grupo falando que eu seria convocado para o jogo.

No dia seguinte convocado e feliz por poder ir ao jogo, acordei, fiz um café, comi e logo em seguida saí em direção ao meu jogo.

Chegando no jogo, estava muito feliz, logo em seguida o professor deu a roupa do e fui jogar.

Algum tempo depois o meu jogo acabou e nós ganhamos o por 4x0 e voltamos vitoriosos para casa.

Cheguei muito feliz e contente vencemos o jogo uhuuuu!!!

Diego Bender

NUNCA ESCREVA UMA CRÔNICA

Uma crônica é algo extremamente difícil de escrever, por mais que suas características sejam falar sobre fatos do cotidiano, texto curto, mas as melhores crônicas sempre têm uma profundidade e uma mensagem subliminar impressionante.

Nomes dos maiores cronistas de todos os tempos, como Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis e Érico Veríssimo, utilizam de um vocabulário impressionante, a forma como eles tinham uma suavidade ao falar de um fato, além de uma grande profundidade.

Agora, por que eu, um aluno do 8 ano vou escrever uma crônica sabendo que por mais que eu me esforce não chegarei nem perto deles. Seria como uma ofensa a eles, um aluno do 8 ano escrevendo uma crônica utilizando uma linguagem chula e sem nenhuma estrutura.

Então, meu caro leitor, concluímos que se for ler uma crônica, leia Machado de Assis, ele realmente sabe o que faz, mas não garanto que vá entendê-lo.

Filipi Rychescki Jacobs

O COELHO

Em uma manhã na minha aula de matemática, eu vi um coelho parado no corredor, fiquei me perguntando de quem seria aquele coelho.

No fim da aula fui até o corretor e peguei o coelho, perguntei aos meus colegas se era deles, ou se eles conheciam o dono, mas não era de nenhum deles e ninguém sabia de quem era.

Fui andando pelo colégio atrás do dono do lindo coelho branco de olhos vermelhos, andei todo o colégio à procura do dono e não achei, mas ainda faltava uma sala, bato na porta e pergunto se era de alguém o coelho, e uma menina falou que era dela.

Eu finalmente tinha encontrado o dono daquele lindo chaveiro de coelho branco com olhos vermelhos.

Fernanda Marchioni Belloli

O ELEVADOR

Finalmente havia chegado o grande dia do espetáculo de balé que eu e minhas colegas ensaiamos tanto. Mesmo sabendo que em algumas horas estaríamos dançando em frente de centenas de pessoas, eu e minha amiga Duda não aguentávamos mais ficar esperando sem nada para fazer. Aí, pensamos que seria uma ótima ideia passear pelo teatro, que ficava em um prédio com muitos andares.

Avisamos a professora que iríamos falar com as nossas mães, que estavam aguardando no andar de baixo e partimos em direção ao elevador. Por brincadeira, apertamos quase todos os botões do painel. Aí, o elevador começou a subir, porém não abria a porta quando parava. Ficamos apavoradas de ficar trancadas. Quando ele parou em um andar e abriu a porta, a gente se jogou para fora, e vimos que era um lugar bem escuro, que a gente nem sabia que existia. Começamos a andar por lá, procurando onde ficava a escada.

Finalmente encontramos a porta que dava para as escadas, e quando íamos descer, tomamos o maior susto, pois apareceu uma mulher de uniforme e com cara de braba. Ela nos deu uma bronca daquelas por estarmos no andar destinado apenas aos funcionários do lugar. Depois disse que voltássemos para o andar do camarim imediatamente. A gente se olhou e disparou para as escadas.

Quando chegamos no camarim, começamos a rir da nossa aventura. Mas na hora, a gente se assustou de verdade. Depois do susto e do xingão que tomamos, até hoje não gosto muito de pegar elevador.

Manuela Grala Leal

O PARAQUEDISTA

Em uma manhã cedo, em um domingo de inverno, havia um paraquedista, andando pelo ar em seu avião pequeno, se preparando para pular.

Ele sinalizou para o piloto para abrir a porta da aeronave, e foi o que ele fez.

O paraquedista então pulou, descendo cada vez mais e mais veloz. Quando foi abrir seu paraquedas, ele falhou. Tentando de novo, ainda não funcionava. Ele tentou abrir o reserva, mas não adiantou nada.

Então, tudo ficou em câmera lenta. Ele se lembrou de todos os momentos que teve em sua vida, todas suas memórias passando em sua frente. O chão estava se aproximando e, quando iria colidir com o solo, não sentiu nada.

Abriu os olhos e viu que estava são e salvo, pousado na grama. Ele tinha muitas perguntas, até que olhou para cima e viu pássaros muito próximos voando para longe dele.

Ele nunca entendeu o que aconteceu.

Dizem que os pássaros o carregaram até o chão, dizem que o paraquedas foi aberto e que ele dormiu na hora, imaginando tudo. Ninguém nunca descobriu ao certo.

Daniel Kittler Reffatti

11 de Setembro

Era Dia 11 de Setembro. Eu estava almoçando com meu pai em um restaurante do lado do aeroporto. Era um dia muito especial para ele, era seu aniversário. Estávamos conversando até que olhei para a janela ao meu lado, e vi um avião decolar.

Comecei a refletir.

Enquanto eu estava lá, aproveitando e comemorando com minha família, centenas de pessoas estavam relembrando a morte de seus familiares devido ao ataque terrorista. É uma realidade realmente triste, perder pessoas próximas sem poder fazer nada a respeito.

Nessa hora percebemos algo de bom acontecer, a solidariedade das pessoas nesses momentos de crise, o que nos transmite esperança.

"O que nos separa dos animais, o que nos separa do caos, é a nossa capacidade de prantear pessoas que nunca conhecemos." David Levithan

Marcelo Ziulkoski Maggiani

Prof. Suzi

De segunda a sexta, a professora Suzi sempre me ajuda com as atividades, já que eu tenho muita dificuldade em matemática, mesmo sendo minha matéria preferida, é sempre assim; tirando quarta que eu não tenho aula com ela.

Confesso que eu tenho muitas dificuldades, inclusive, em matemática. Sou lenta, não consigo acompanhar o raciocínio, sou tímida e não tenho muitas amigas. Eu sou insegura.

Mas as coisas já começaram a mudar; com o carinho, a ajuda e, principalmente, a paciência da prof. Suzi, me sinto outra pessoa. Mais desinibida, já consigo socializar…

A prof. Suzi transformou a minha rotina, não só escolar, mas pessoal e espiritual.

Prof. Suzi! Brigaduuu.

Crônica dedicada à professora Suzi.

Maria Fernanda Vaz de Moraes Faccin

R$20,00

Fui ao cabeleireiro que sempre vou, situado logo ao lado da minha casa. Ele já é meu amigo e de minha família, sendo assim, ir a outro barbeiro seria decepcionante e até mesmo traição.

O único problema é que ele cobra apenas vinte reais pelo preço de seu corte, diferentemente dos demais que cobram no mínimo quarenta. Isso deveria ser considerado bom, pois custa mais barato, mas o preço é relacionado diretamente com a qualidade, portanto o resultado não é o melhor.

Podemos ver o que vinte reais fazem com o cabelo de alguém simplesmente olhando para mim. Alguns são sinceros e falam que ficou péssimo, já outros acham que vão me animar dizendo que ficou muito legal.

Hoje em dia a estética das pessoas importa muito para a vida das mesmas. Se não temos uma aparência agradável e harmoniosa, não conseguimos um trabalho, nem nos encaixamos em um grupo social.

Resumindo minha mensagem final, invista em sua estética levando pelo menos quarenta reais.

Luis Henrique Dall'Agnol Schaefer

La Salle
Canoas